

AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E OS COTIDIANOS COM MICHEL DE CERTEAU

Carline Santos Borges¹

Cristina Lens Bastos de Vargas²

Cristiane Bremenkamp Cruz³

Geraldo Ferreira dos Santos⁴

RESUMO

Neste artigo, abordamos algumas das contribuições de Michel de Certeau para a pesquisa com os cotidianos. Afirmamos, neste trabalho, os usos e táticas de atores envolvidos no exercício inventivo e astucioso da prática educacional. Discutiremos alguns dos principais conceitos forjados por Certeau e utilizados como ferramentas para arejar o pensamento e operar transformações na realidade, tais como: tática, uso, consumo, espaço habitado, praticantes, a diferença entre descrição e relato na perspectiva da narratividade, entre outros conceitos. A pesquisa bibliográfica é realizada apoiando-se principalmente no livro *A invenção do cotidiano* (CERTEAU, 1994), que tem grande repercussão no Brasil e serve de aporte para muitos pesquisadores ainda hoje. Por fim, consideramos que *pesquisar com os cotidianos* é estar atento aos acontecimentos ínfimos e aparentemente banais, ouvindo os sujeitos praticantes no exercício desafiador da produção coletiva de conhecimento.

Palavras-chave: Cotidianos. Invenção. Praticantes. Pesquisa.

¹ Doutoranda e mestre em Educação (PPGE-UFES). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) (2011) e professora na Faculdade Multivix-Vitória e na Prefeitura de Vitória/ES. E-mail: carlineborges@hotmail.com.

² Mestre e Doutoranda em Educação pela UFES, Linha de Pesquisa, Cultura, Currículo e Formação de Professores. Professora do Centro Universitário São Camilo-ES. E-mail: cristinalenss@gmail.com.

³ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES - 2011) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ - 2014) na área de concentração: Estudos da Subjetividade. Atualmente cursa o doutorado em Educação na UFES e compõe o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Políticas (NEPESP-UFES). Atua principalmente na área de políticas de educação, produção de subjetividade, regimes de atenção na relação com a ética, exploração do plano da experiência. E-mail: crisbrenenk@gmail.com.

⁴ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES. E-mail: santosgferreira@gmail.com.

STUDIES IN EDUCATION AND EVERYDAY LIFE WITH MICHEL DE CERTEAU ABSTRACT

ABSTRACT

In this article, we discuss some of Michel de Certeau's contributions to the research on everyday life. We affirm in this work the practices and tactics of the practitioners involved in the inventive and auspicious exercise of the educational practice. We will discuss some of the main concepts forged by Certeau used as tools to enhance thinking and operate transformations in reality, such as: tactics, use, consumption, living space, practitioners, the difference between description and narrative from the perspective of narrative, among other concepts. The bibliographic research is made mainly supported by the book "The practice of everyday life" (Certeau, 1994), which had great repercussion in Brazil and serves as an input to many researchers today. Finally, we consider that to research everyday practices is to be attentive to the smallest and seemingly mundane events, listening to the subjects in their challenging exercise of the collective production of knowledge.

Keywords: Everyday life. Invention. Practitioners. Research.

1 INTRODUÇÃO

Pensar o trabalho de pesquisa levando em conta as invenções que se efetuam no cotidiano da escola é fio que vamos seguir tendo como inspiração o trabalho realizado por Michel de Certeau. Não é nosso objetivo, neste artigo, apresentar minuciosos fatos da vida desse autor, tampouco fazer uma exaustiva revisão bibliográfica sobre os temas que desenvolve, porém, a contextualização de alguns elementos de sua vida nos permite situar o trabalho que Certeau empreende e viabilizar algumas referências importantes no âmbito da prática educacional.

Nosso objetivo é, então, apresentar algumas pistas e direções possíveis e mostrar como Certeau se aproximou das pesquisas em Ciências Humanas, especialmente em Educação, contribuindo extremamente com os pesquisadores que pensam as práticas cotidianas nas escolas.

Sua história de longas horas de trabalho, inúmeras viagens e tarefas, por muito tempo dedicado aos livros, seus manuscritos, suas palestras e tudo que conhecemos de Certeau fazem-nos tê-lo como referência para nossas pesquisas. Vimos que ele procurou durante seus estudos diferentes

influências teóricas, considerando as obras de, Joseph Surin, Hegel, Freud, Lacan, Wittgenstein, Foucault, Merleau Ponty, Deleuze, Derrida e outras.

Acreditamos que a escolha por esses referenciais o fez, no cenário intelectual, um personagem insubmisso e inconformado com os cânones de uma disciplina rígida. Ele foi “[...] censurado por relativizar a noção de verdade, por suspeitar da objetividade das instituições do saber [...]” (CERTEAU, 2009, p. 9).

Antes de falar do tema “cotidiano”, apresentaremos um percurso rápido de algumas obras desse autor que se interessa mais pelas “[...] operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes” (CERTEAU, 2009, p. 15) do que pelas sondagens estatísticas.

Certeau doutorou-se em 1960, cujo tema de pesquisa abordado em sua tese, discorria sobre o inaciano Pierre Favre, personalidade itinerante, peregrino infatigável condenado à errância, que, após 11 anos percorrendo a Europa em pregação missionária, falecera em 1546.

Em 1966, lança a primeira edição dos seus estudos sobre o inaciano Jean-Joseph Suri. Estudos que lhe permitiram problematizar o lugar do diabólico no século XVII, indo da pesquisa da feitiçaria à possessão.

Participou em 1964 da criação da Escola Freudiana de Paris, dirigida por Jacques Lacan. A psicanálise lhe permitia compreender a experiência espiritual dos místicos. Era o espaço da escuta que o instigava. Assim, ao apreciar suas obras, percebemos que Certeau apresentava grande disponibilidade para ouvir o outro e fazia isso com prazer e atenção.

Talvez essa seja uma das características mais marcantes de Certeau: a disponibilidade para ouvir o outro, estar aberto à surpresa de uma presença que se manifesta, ainda que escape às articulações possíveis de uma memória adquirida (JOSGRILBERG, 2005, p. 22).

Em 1974, publicou “*A cultura do Plural*”, que agrupa artigos e relatórios redigidos para o Colóquio Internacional Arc-et-Senans. Logo depois, como resultado de sua pesquisa realizada

entre 1974-1978, encomendada pela Secretaria de Estado da Cultura Francesa, nasce a “Invenção do Cotidiano”, editado em 1980, obra grandemente referenciada pelos teóricos da pesquisa com os cotidianos escolares.

Pesquisar com os cotidianos é estar atento aos acontecimentos, é ouvir os sujeitos praticantes. Aprendemos com Certeau “[...] dar lugar ao outro, ao diálogo, a relação entre seres humanos em um mundo tão marcado por divisões [...]” (JOSGRILBERG, 2005, p. 23). Entendemos que os movimentos de pesquisar com os cotidianos são percebidos quando esse autor defende em seus discursos uma metodologia de pesquisa que permite “uma forma diferente de organizar e estudar as informações oriundas da realidade cotidiana” (OLIVEIRA; ALVES, 2008, p. 50).

Os escritos de Certeau nos conduzem e nos fornecem pistas de uma produção que compõe a pesquisa com os cotidianos escolares. “O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2009, p.38).

Quando se pesquisa o cotidiano escolar, pode-se tentar compreender as táticas e usos que os professores desenvolvem no seu fazer pedagógico. É nesse cotidiano que “[...] os sujeitos tecem suas redes de fazeres [...]” (OLIVEIRA; ALVES, 2008, p.58). Aprendemos com Certeau que, de forma geral, as táticas estão relacionadas a operações que fogem e minam um lugar (ex.: discursos hegemônicos) (JOSGRILBERG, 2005, p. 22).

Falar de pesquisa com os cotidianos das escolas, deslocar a atenção para as artes de fazer de alunos e professores, é pesquisar o cotidiano com Certeau. Para este autor “[...] (falar, ler, circular, fazer compras, preparar as refeições etc.) são do tipo tática. E também de modo mais geral, uma grande parte das maneiras de fazer: vitórias do mais fraco sobre o mais forte [...]” (CERTEAU, 2009, p. 46). A tática é a arte do fraco, comandada pela ausência do poder, enquanto a estratégia é “[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente” (CERTEAU 2009, p. 45). Vemos aqui que os conceitos de tática e estratégia, apresentados por Certeau, diferenciam-se da maneira como são utilizadas corriqueiramente. Essa diferença se dá porque

ele vê a necessidade de situar um novo modo de compreender a realidade social e as ações que nela são desenvolvidas.

Para diferenciar os tipos de táticas, podem-se encontrar modelos na retórica. Nada de surpreendente, pois, de um lado, ela descreve os rodeios de que uma língua pode ser simultaneamente o lugar e o objeto e, de outro, essas manipulações são relativas às ocasiões e às maneiras de mudar (seduzir, persuadir, utilizar) o querer do outro (o destinatário) “[...] duas lógicas da ação (uma tática e outra estratégica) se depreendem dessas duas maneiras de praticar a linguagem” (CERTEAU, 2009, p. 47).

Ao pensarmos as pesquisas com os cotidianos, procuramos ouvir as palavras dos “praticantes”, buscamos evidenciar suas invenções e criações, tentando escutar as táticas ali evidenciadas e compreender as múltiplas realidades presentes nesse cotidiano.

2 ENTRE DESCRIÇÃO E RELATO: O PROBLEMA DA NARRATIVIDADE EM MICHEL DE CERTEAU

Outro problema abordado pelo autor e que toca nossos fazeres investigativos é a questão da narratividade. Quando estamos imersos no trabalho de pesquisa, especialmente quando essa é realizada por meio do acompanhamento de movimentos que perpassam uma escola, de seus funcionamentos de captura da subjetividade e, principalmente, quando estamos à espreita de práticas de autonomia e liberdade, seja a partir de trabalho tecido em meio a entrevistas, grupos, observação, vídeo-filmagens etc, uma das questões que sempre nos acompanha é o desafio com relação à maneira de escrever a pesquisa.

Não é raro experimentarmos alguns impasses e questionamentos, tais como: o que vai entrar na escritura do texto e compor o trabalho que será apresentado, registrado, compartilhado? Como selecionar o material a ser escrito diante do turbilhão de acontecimentos que se movimentam no cotidiano da pesquisa? E, após escrevermos, ainda poderemos nos perguntar: mas será que

esse texto corresponde exatamente ao que aconteceu em campo? A pesquisa corresponde aos fatos? Representa-os? Está ajustada à realidade?

Certeau (1994) vai reposicionar essas questões quando aborda o processo de escrever a partir de “relatos” em vez de “descrições”. Ao problematizar o processo de narratividade, o referido autor questiona e aponta:

Essa narratividade seria um retorno à “descrição” da época clássica? Há uma diferença que as separa, fundamental: no relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma “realidade” (uma operação técnica, etc.) e dar credibilidade ao texto pelo “real” que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do “real” – ou melhor, ela aparenta subtrair-se à conjuntura. Deste modo, precisamente, mais que descrever um golpe, ela o “faz”. Para voltar ao que dizia Kant, ela mesma é um ato de funâmbulo, um gesto equilibrista em que participam a circunstância (lugar e tempo) e o próprio locutor, uma maneira de saber, manipular, arranjar e colocar um dito deslocando um conjunto, em suma, uma questão de “tato” (CERTEAU, 1994, p. 142).

Para Certeau (1994), portanto, ao realizar a pesquisa, criamos a realidade em vez de simplesmente representá-la. Não há um real se exibindo para ser capturado, pelo contrário, há provocação para ser inventada - “a história narrada cria um espaço de ficção” (CERTEAU, 1994, p. 143), exige a produção de um corpo sensível aos acontecimentos em curso, pois, mais do que descrever um golpe, o pesquisador precisará fazê-lo por meio do faro.

Trata-se de seguir pistas e cultivar um “tato”, um olhar de esgueira, atento às minúcias e ao que passa despercebido, às fissuras do dia a dia e ao cotidiano como invenção perpétua.

O que Certeau nos aponta é que há uma “arte de dizer” que acompanha as “artes de fazer e de pensar”. Desse modo, é tarefa do pesquisador compreender as alternâncias e cumplicidades, as relações de força e as imbricações sociais que ligam as “artes de dizer” às “artes de fazer”. Nas palavras desse teórico “as mesmas práticas se produzem ora num campo verbal, ora num campo gestual, elas jogam de um ao outro, igualmente táticas e sutis cá e lá” (CERTEAU, 1994, p.

142). Quer dizer, para Certeau (1994), há relação intrínseca entre a produção de relato e táticas astuciosas envolvidas nessa produção.

Essa maneira de colocar o problema da narratividade pode gerar alguns equívocos. É possível que o leitor deste artigo esteja se perguntando: mas então, para Certeau, o que se escreve não teria relação com o que se vivencia no campo de pesquisa? Não há correspondência entre a escrita do trabalho e os conteúdos vivenciados em campo?

É preciso se deter por um momento nesse ponto e caminhar de modo mais devagar, acompanhando o pensamento do autor. Afinal, não se trata aqui de pensar uma invenção do cotidiano descolada de uma responsabilidade ético-política com relação aos mundos que produzimos com a pesquisa. Nos dizeres de Certeau (1994, p. 142, grifo nosso):

Existe com certeza um conteúdo no relato, mas pertence, ele também, à arte de fazer um golpe: ele é desvio por um passado ou por uma citação para *aproveitar uma ocasião e modificar um equilíbrio por uma surpresa. O discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma arte do dizer. Algo na narração escapa à ordem daquilo que é suficiente ou necessário saber e, por seus traços, está subordinado ao estilo das táticas.*

Poderíamos, então, afirmar, apoiados em Certeau (1994), que os relatos que produzimos nas pesquisas geram, portanto, efeitos, não objetos ou realidades absolutas. São relatos perspectivados por um lugar institucional, social, político e apresentam um estilo, o qual ressoa com todo um corpo teórico e formativo do qual somos também efeito. “O relato não exprime uma prática. Não se contenta em dizer um movimento. Ele o faz” (CERTEAU, 1994, p. 145). As maneiras de escrever e dizer realizam, ou melhor, produzem realidade. Algo na narração escapa à ordem, pois o que nos move é o que desorganiza, afeta, pulsa e convoca modos de expressão.

Para apresentar o trabalho de pesquisadores que utilizaram a narração deliberadamente em seus trabalhos, Certeau (1994, p. 143) afirma que não seria difícil reconhecer essa arte em Foucault: “uma arte do suspense, das citações, da elipse, da metonímia; uma arte da conjuntura (a

atualidade, o público) e das ocasiões (epistemológicas, políticas) em suma, uma arte de fazer ‘golpes’, ‘lances’ com ficções de histórias”.

O que acompanhamos no trabalho de Foucault não é, portanto, o compromisso com uma verdade que restaria oculta, à espera de desvelamento pelo olhar de um cientista, historiador ou filósofo; não é também a neutralidade asséptica de um especialista, mas a produção de realidades por meio de montagens narrativas que nos fazem vislumbrar invenção ali onde restava naturalizações tidas como universais.

Outro pesquisador que Certeau irá apontar como utilizador de narrações em seu trabalho (e, portanto, alheio a qualquer compromisso com uma história tida como linear e uma verdade universal), é o historiador e antropólogo Marcel Detienne. Para Certeau (1994), o que acompanhamos no trabalho de Detienne não é a suposição por detrás das histórias que ele conta, de segredos, cujo progressivo desvelamento lhe daria o lugar da interpretação. Quer dizer, Detienne não instala as histórias gregas diante de si para tratá-las em nome de outras coisas *que não são elas mesmas*. Nos dizeres de Certeau (1994, p. 143):

Estes contos, histórias, poemas e tratados para ele já são práticas. Dizem exatamente o que fazem. São o gesto que significam. Não há necessidade alguma de lhes acrescentar alguma glosa que saiba o que exprimem sem saber, nem perguntar de que são a metáfora. Formam uma rede de operações da qual mil personagens esboçam as formalidades e os bons lances. Nesse espaço de práticas textuais, como num jogo de xadrez cujas figuras, regras e partidas teriam sido multiplicadas na escala de uma literatura, Detienne conhece como artista mil lances já executados, mas ele joga com esses lances, deles faz outros com esse repertório: conta histórias por sua vez. Recita esses gestos táticos. Para dizer o que dizem, não há outro discurso senão eles.

De maneira curiosa, Certeau relata que, ao ser questionado sobre “o que queriam dizer” os contos, histórias, relatos etc., que produzia, Detienne respondia: “vou contá-los de novo”. Próximo ao que vivenciava também Bethoven - “se alguém lhe perguntasse qual o sentido de uma sonata, Beethoven, segundo se conta, a tocava de novo” (CERTEAU, 1994, p. 144).

Fazer todas as idas e vindas desses relatos é o exercício da narratividade, indissociável de uma arte de fazer. O mesmo autor recorda também um livro escrito por Jean-Pierre Vernant, o qual versava sobre a “métis” dos gregos, livro esse intitulado “As astúcias da Inteligência”. Nele,

consagra-se uma forma de inteligência sempre “mergulhada numa prática” na qual se combinam o “faro, a sagacidade, a previsão, a flexibilidade de espírito, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida” (CERTEAU, 1994, p. 145).

O que chama a atenção de Certeau nesse livro é que a *métis* grega tem muita afinidade com as táticas cotidianas que interessam a esse autor, seja por seus “gestos manuais, suas habilidades e seus estratagemas”, seja pela enorme gama de condutas que abrange, desde o saber-fazer até a astúcia.

Dessa correlação, três elementos prendem a atenção de Certeau, quais sejam: 1) a relação que a *métis* mantém com a “ocasião”, 2) a relação com os disfarces e 3) a relação com uma paradoxal invisibilidade. Quer dizer, de um lado:

[...] a *métis* conta com o momento oportuno (Kairós) e o aproveita: é uma prática do tempo. De outro lado, multiplica as máscaras: é uma defecção do lugar próprio. Enfim, desaparece no seu próprio ato, como que perdida no que faz, sem espelho para representá-la; não tem imagem própria (CERTEAU, 1994, p. 145).

Certeau (1994) irá afirmar que esses traços da *métis* (afinidade pela ocasião, multiplicação dos efeitos, desvanecimento) podem igualmente atribuir-se ao relato, no sentido de que a narratividade contadora é também algo semelhante a uma *métis*.

É útil ao pesquisador desenvolver essa qualidade de atenção aos movimentos, mais do que o desejo de estancar em quadros fixos a realidade. Trata-se aqui de uma radical afirmação da produção incessante e não passível de diagnósticos para sempre estabelecidos. O pesquisador, ao imergir no campo de pesquisa, introduz uma duração na relação de forças capaz de modificá-la.

Porém, a prática científica hegemônica tende a desconsiderar esse aspecto, estando calcada em modelos que afirmam a neutralidade, a separação entre sujeito e objeto de pesquisa e a correspondência entre a escritura e os dados que restariam por ser observados, coletados e representados de maneira mais objetiva possível. Assim, afirma Certeau (1994, p. 153):

Incessantemente, a escritura científica, constituição de um lugar próprio, reconduz o tempo, este fugitivo, à normalidade de um sistema observável e legível. Assim, não há surpresas! Uma conservação dos lugares elimina essas voltas ruins (...). Mas elas retornam sempre, não apenas sub-reptícias e silenciosas, na própria atividade científica, não apenas nas práticas do dia a dia que, por não terem mais discurso, nem por isso deixam de ter existência, mas nas histórias também, tagarelas, cotidianas e astuciosas.

O que acompanhamos em Certeau (1994) é uma disponibilidade de escuta do cotidiano, o que é indissociável de uma abertura ao outro. Ver, na realidade, para além do que a rotina estampa sob nossos olhos, e ouvir para além da monotonia ruidosa que nos torna surdos às microfissuras, invenções, táticas e diferenças.

Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça! O ouvido apurado sabe discernir no dito aquilo que aí é marcado de diferente pelo ato de dizê-lo aqui e agora, e não se cansa de prestar atenção a essas habilidades astuciosas do contador (CERTEAU, 1994, p. 154).

É importante também acrescentar que, para Certeau (1994), o trabalho de produção realizado por pesquisadores, após finalizarem um texto escrito, devidamente compartilhado por meio de artigos, teses e/ou dissertações, não estará, contudo, finalizado. No capítulo “Ler: uma operação de caça” que integra o livro “A invenção do Cotidiano: as artes de fazer”, Certeau irá afirmar que também aí não há passividade. Quer se trate da leitura de um jornal ou da leitura de um dos livros de Proust, “o texto só tem sentido graças a seus leitores: muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhes escapam” (CERTEAU, 1994, p. 242).

No capítulo mencionado no parágrafo anterior, Certeau (1994) questiona a rígida demarcação que hierarquiza a diferença entre escrever, que seria efetivamente produzir um texto, e ler, que seria recebê-lo de outro sem marcar aí o seu lugar, sem refazê-lo. Nas palavras de Certeau (1994, p. 237):

O que se deve por em causa não é esta divisão do trabalho (é muito real), mas o fato de assimilar a leitura a uma passividade. Com efeito, ler é peregrinar por um sistema imposto (o do texto, análogo à ordem construída de uma cidade ou de um supermercado). Análises recentes mostram que “toda leitura modifica o seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere da outra menos pelo texto que pela maneira como é lida”.

Certeau (1994) aponta nesse texto que também a leitura exige, tanto quanto o processo de escrita, um vaguear ao mesmo tempo distraído e atento, conectado e displicente, para produzir efeitos de criação de subjetividade. O autor critica a prática de procurar nos textos “o sentido literal”, pois, para o autor, esse estabelecimento de um segredo do qual apenas poucos privilegiados seriam os “verdadeiros intérpretes” não passa de “um sinal e o efeito de um poder social, o de uma elite” (CERTEAU, 1994, p. 243). Por outro lado, oferecendo-se a uma leitura plural, o texto se torna uma arma cultural, uma “reserva de caça”.

Ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é construir uma cena secreta e de onde se vai à vontade; é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática [...]. Já o observa Marguerite Duras: “Talvez se leia sempre no escuro... A leitura depende da escuridão da noite. Mesmo que se leia em pleno dia, fora, faz-se noite ao redor do livro” (CERTEAU, 1994, p. 245).

Tanto o leitor quanto o escritor, se estão conectados com suas atividades, em alguma medida se desterritorializam, apoiam-se nas franjas da subjetividade, oscilando em um não lugar entre o que inventam e modificam. “Ora, efetivamente, como o caçador na floresta, ele tem o escrito à vista, descobre uma pista, ri, faz ‘golpes’, ou então, como jogador, deixa-se prender aí” (CERTEAU, 1994, p. 245).

Para caracterizar essas duas atividades intimamente relacionadas à pesquisa (processos de construção de relatos/narrativas e produção de leitura), ambos fundamentais no exercício do pesquisador, Certeau (1994) irá apostar em uma espécie de “bricolagem”, tal qual Lévi-Strauss analisa em “o pensamento selvagem”, ou seja, um arranjo feito de meios marginais, uma produção “sem relação com um projeto”, que reajusta “os resíduos de construções e destruições anteriores” (CERTEAU, 1994, p. 246).

Trata-se de uma orientação de trabalho fundamentada não em projetos universalizantes, mas em avanços e recuos tecidos no concreto das situações vividas, por táticas e jogos com os textos escritos, lidos, farejados, tateados. Vai e vem, ora captados, protestados, fugidios. O cotidiano nos escapa se não o produzimos.

3 UM LUGAR COMUM: O HOMEM ORDINÁRIO E SEUS USOS

Neste subtópico do artigo, iremos abordar outro conceito importante para a produção de pesquisa, a saber, a ideia de homem ordinário e as potências de suas inventividades. Certeau (2011) afirma que esquemas de uma racionalidade taxionômica submeteram inicialmente as massas, posteriormente os quadros técnicos do aparelho, os profissionais liberais e finalmente as “belas almas” literárias e artísticas (CERTEAU, 2011, p. 57). Só tem erodido e ironizado essa condição, a enunciação do *homem sem qualidades*. Assim, o homem ordinário ri sabiamente, lúcido e ridículo, e se isenta de responsabilidades próprias, considerando sempre o outro, o destino e as propriedades particulares do lugar próprio, como responsáveis. Localiza quando reconhece o caráter universal do lugar particular.

Mesmo quando na escrita elitista, o vulgar é considerado um travesti da metalinguagem sobre si mesma, produz um deslocamento dela para fora de si. Um incômodo, uma produção de um anônimo. É nesse ínfimo, deslocado, que o autor irá apostar suas fichas, considerando-o como “homem ordinário”.

Certeau (2011) se apropria de contribuições de Freud quando esse conjuga com a multidão em seus tormentos, submissão, frustrações, ludibriações, forçada ao trabalho exaustivo, restando ao ordinário o Deus da religião como esclarecedor de todos os enigmas e provedor da vida. Garante, assim, um saber de totalidade e um estatuto próprio que o imuniza. Desempenha o papel de um deus, fornecendo ao discurso generalidades do particular e garantias de validade. Totalização e reconhecimento como o deus de outrora.

Para o autor, o importante é o trabalho de, na constituição dos campos científicos, perceber as extrapolações produzidas pelas sutis “desordens” do ordinário.

Eu gostaria de descrever a erosão que desenha o ordinário em um corpo de técnicas de análise, pôr à vista as aberturas que marcam o seu traço sobre as margens onde se mobiliza a ciência, indicar os deslocamentos que levam o lugar-comum onde “não importa quem” enfim se cala, a não ser repetindo [...] banalidades. [...] a tarefa não consiste em substituí-la por uma representação ou cobri-la com palavras de zombaria, mas em mostrar como ela se introduz em nossas técnicas [...] e pode reorganizar o lugar de onde se produz o discurso (CERTEAU, 2011, p. 61- 62).

Assim, Certeau (2011) considera a recondução das práticas e das línguas científicas ao seu país de origem, a vida cotidiana (lugar onde se produz o discurso), seria o primeiro caminho a se percorrer, colocando os diversos campos disciplinares da ciência em crise de fronteiras tão defendidas. A ciência considera seu resto o todo e desse resto se constitui então a cultura. Essa clivagem própria do discurso hegemônico da modernidade coexiste sobre um plano de resistências práticas e de simbolizações do pensamento; coexiste com embates entre os poderes das técnicas e as práticas sociais.

Wittgenstein (apud DOSSE, 2004), no âmbito dos estudos da “Filosofia da Linguagem Comum”, sugeriu a possibilidade de se produzir uma filosofia que fornecesse um modelo de estudo rigoroso da linguagem ordinária. Certeau, contra essa perspectiva de modelo rigoroso de estudo da linguagem ordinária, faz uma crítica severa ao filósofo e ao perito, concebidos como dois campos de saber que atuam com a mesma nocividade junto à linguagem ordinária, entendendo, porém, que a busca por não extrapolar metafisicamente o que o falar possa dizer foi o esforço de Wittgenstein, especialmente na segunda fase de suas produções acadêmicas. Nunca falar pelo outro, em seu nome. Desse modo, em perspectivas filosóficas diferenciais, os dois teóricos buscaram enfatizar a impossibilidade de uma linguagem enquanto produtora de sentido ao uso ordinário, situando a linguagem ordinária como o *espaçotempo* praticado a partir do qual é autorizado pensar o cotidiano.

Para Certeau (2011) estamos subordinados à linguagem ordinária. Enquanto as científicas invisibilizam-na, as filosofias acreditam que a dominam. O filósofo de Cambridge, Wittgenstein, subverte a ordem considerando a universalidade como obediência ao uso ordinário e, desse modo, o privilégio da filosofia e da ciência se extingue no ordinário, o que produz a invalidação das verdades.

Diferentes modos de funcionamentos cotidianos são regidos por regras pragmáticas, dependentes das várias formas de vida, e são percebidos quando se buscam precisar os diferentes usos. Apropriando-nos das contribuições de Certeau (2011) afirmamos que os modos de falar usuais não são derivados de categorizações filosóficas, não podendo então ser traduzidos por terem muito mais coisas que a dissecação filosófica. Há, certamente, um acúmulo

de gerações em experiências vividas de diferentes elementos e distintos modos de conexões, proporcionando-lhe uma rede de complexidade impossível de ser mapeada pela ciência ou pela filosofia. Também as complexidades lógicas são tais que sequer são percebidas pelas formalizações eruditas.

Para Wittgenstein (apud DOSSE, 2004) então, fazer filosofia é estar como selvagens, como homens primitivos e não mais como profissionais; um estrangeiro em sua própria casa, um selvagem numa cultura ordinária, perdido numa rede complexa.

Como não saímos da linguagem ordinária, estamos nessa rede. Não há outro lugar fora dela. Para ele, a interpretação do cotidiano não é falsa e nem verdadeira, é apenas ilusória. Certeau (2001), porém, considera importantes as contribuições das ciências humanas para o conhecimento da cultura ordinária, visto que as “práticas ordinárias” ao se inscreverem num “coletivo anônimo”/universal, tal como suposto por Wittgenstein (apud DOSSE, 2004), não podem ser consideradas conectadas a uma rede de intercâmbios sociais, profissionais e textuais, não estabelecendo, assim, nem o lugar, nem o *espaçotempo* dessa produção prático-discursiva e, assim, desconsiderando que os *espaçostempos* praticados são ações de sujeitos históricos.

4 NA NATURALIDADE DOS EMBATES: ESTRATÉGIAS, TÁTICAS, USOS E O ESPAÇO HABITADO

Neste subtópico, continuamos perseguindo algumas pistas que Certeau (2011) nos apresenta. Ao falar de “usos”, Certeau irá afirmar que, assim como na literatura, podemos também diferenciar diversas maneiras de falar, caminhar, ler, produzir etc. A produção cultural se tornou um amplo campo para operações racionais de clivagens (análise), mapeamentos (síntese) e massificação (generalizações). Mesmo assim, o sujeito ordinário, sem sair de seu lugar, onde vive sob leis impostas, produz a diferença, a criatividade, instaurando a imprevisibilidade. A essas operações de inventividade e formalidades próprias, que modificam mesmo estando incluso, enredado, Certeau dá o nome de *usos*. Tomando o poder da dominação, as táticas empreendidas pelo ordinário vulgarizam e degradam a produção cultural dominante.

Considerando os cotidianos enquanto um campo em que há relações de forças, o autor optou por uma referência de guerra (polemológica). Envolve combates, jogos entre fracos e fortes e das formas como o fraco pode sobreviver. Os consumidores produzem trajetórias indeterminadas, aparentemente sem sentido a considerar o espaço construído, planejado e escrito. Esses movimentos regulados, que inicialmente se submetem ao instituído, vão aos poucos erodindo, deslocando e, por fim, escapam ao previsto e mensurado pela estatística.

Em decorrência disso, firma-se o cálculo das relações de força com a instauração de um próprio, um ambiente, ou seja, um lugar de poder e do querer próprios. Circunscrever um próprio num mundo reticulado de poderes invisíveis do Outro é a marca da modernidade científica, política e militar. Certeau (2011) chama esses cálculos/controles de estratégias.

A tática se constitui no terreno do outro, que é imposto ao ordinário. A tática irrompe, já que está no campo de visão e sob o controle do inimigo. Aproveita ocasiões sem planejamento, sem base para acúmulo de experiência. Sempre vigilante das falhas conjunturais e estruturais, surpreende o inimigo. É a astúcia. “Sem lugar próprio, sem visão globalizante, comandada por acasos, a tática determina ausência de poder assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder” (CERTEAU 2011, p. 95).

A tática é o movimento do mais fraco, movimento de recusa, de sobrevivência, de resistência, de escape. Instabiliza o poder do mais forte que se considera na centralidade do controle do poder. O estudo das táticas cotidianas do momento não pode desconsiderar seu passado e futuro, ou seja, seu contexto de origem e seu horizonte de intenção. Paralelamente, são descritos os mecanismos de repressão de suas instituições. As instituições científicas compõem esse sistema repressor, portanto, as que pesquisam mecanismos de resistência ora podem produzir também mecanismos repressores. Sendo assim, o homem ordinário encontra “[...] possibilidade de articulação de um espaço dentro de um lugar organizado, o qual não se pode possuir, mas usar. Trata-se de pensar um espaço criado por uma série de movimentos dentro do campo visual” (JOSGRILBERG, 2005, p. 74). Desse modo, “[...] o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 202).

O espaço praticado é o lugar em movimento e atividade. Para Certeau, o espaço praticado *se encarnava no caminhar de seus habitantes*. Ele estabeleceu uma distinção entre a cidade, que considerava como uma língua, um campo de possíveis, e o ato de caminhar que a atualizava e *advinha de enunciações dos pedestres*. A cidade estaria estruturada como uma linguagem, mas Certeau permaneceu fora do paradigma estruturalista dominante, graças a sua valorização do ato de enunciação/discurso (DOSSE, 2004).

É justamente na relação entre o espaço social como lugar normativo e espaço praticado que surgem as estratégias e táticas de que o homem ordinário dispõe para lidar com a vida cotidiana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos apresentar alguns dos principais conceitos operatórios no exercício da pesquisa a partir das contribuições de Michel de Certeau. Em seu trabalho, notamos que o desafio maior talvez não seja entender esses conceitos - os quais são apresentados seguidamente ao longo de diferentes capítulos de seus livros - e, a cada vez que ele os retoma, podemos apreciar uma nova nuance de pensamento eclodir, num estilo plissado e lírico.

O convite realizado por Certeau parece-nos mais rigoroso e sutil. Mais do que entender, o autor provoca em seus leitores à exigência de reposicionamentos atencionais e subjetivos, pois convida a uma ética da escuta e de abertura aos processos em curso.

É a exigência de um corpo que a cada momento se coloca, pois a pesquisa provém de textos escritos a partir de cenários produzidos de modo indissociável e segundo diferentes intensidades de partilha. Isto é, a escrita se articula com o corpo em cima de uma página móvel, opaca, fugidia, e esse corpo é também língua, pois precisa se deixar atravessar pelas vozes do campo, digeri-las, ressoar com elas.

O desafio provocado por Certeau é o de acolhermos a fragilidade que é instaurada em cada lugar por nossa relação com os acontecimentos, os quais produzem novas realidades. Em suma,

trata-se do exercício continuamente “praticado” de viver com os outros, de habitar as fronteiras, aproveitar as ocasiões que rechaçam a cronologia dos fatos óbvios, e de desabituar o que se supunha sabido e naturalizado.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**.16.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**.17.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. **ArtCultura**; Urbelândia, n. 9; jul./dez. 2004.

JOSGRILBERG B., Fábio. **Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel de Certeau**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.